UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CFCH – CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM FILOSOFIA

Marcílio de Barros Correia Filho

TEORIA E PRÁXIS ENQUANTO POSSIBILIDADES EXISTENCIAIS NO PENSAMENTO FENOMENOLÓGICO DE MARTIN HEIDEGGER

Recife, PE
2024

Marcílio de Barros Correia Filho

TEORIA E PRÁXIS ENQUANTO POSSIBILIDADES EXISTENCIAIS NO PENSAMENTO FENOMENOLÓGICO DE MARTIN HEIDEGGER

Trabalho de dissertação apresentado ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para conclusão do curso de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Marcio Moura de Sena

Recife, PE
2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Correia Filho, Marcílio.
Teoria e práxis enquanto possibilidades existenciais no pensamento fenomenológico de Martin Heidegger / Marcílio Correia Filho. - Recife, 2024.
28 p.

Orientador(a): Sandro Sena
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Filosofia - Bacharelado, 2024.

1. Metafísica. 2. Fenomenologia. 3. Heidegger. 4. Teoria. 5. Práxis. I. Sena, Sandro. (Orientação). II. Título.

100 CDD (22.ed.)

Marcílio de Barros Correia Filho

TEORIA E PRÁXIS ENQUANTO POSSIBILIDADES EXISTENCIAIS NO PENSAMENTO FENOMENOLÓGICO DE MARTIN HEIDEGGER

Trabalho de dissertação apresentado ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para conclusão do curso de Bacharel em Filosofia.

Aprovado em 13 de março de 2024:

_____
Prof. Dr. Sandro Marcio Moura de Sena (UFPE)
(Presidente/Orientador)

_____
Prof. Dr. Thiago André Moura de Aquino (UFPE)

Recife, PE
2024

DEDICATÓRIA

Aos meus pais pelo apoio e amor incondicional e ao meu cônjuge pelo suporte e paciência. Tomando Heidegger como exemplo, dedico também ao professor-orientador desta dissertação, o Dr. Sandro Marcio Moura de Sena,
“em testemunho de admiração e amizade”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Esta página de agradecimento é uma pequena homenagem a todos que fizeram parte dessa jornada e em especial:

- ao meu orientador Prof. Dr. Sandro Marcio Moura de Sena pela confiança em mim depositada;

- ao meu cônjuge Willian Jefferson dos Santos pela paciência de enfrentar essa longa fase;

- aos meus pais, Gerlucia e Marcílio, pelo apoio e por acreditarem em mim;

- aos meus amigos pelas conversas fundamentais para a concretização deste trabalho;

- aos meus colegas, com quem convivi durante os últimos anos, meus sinceros agradecimentos;

- à UFPE, universidade pública e de qualidade, pela oportunidade de desenvolver e concretizar o presente estudo;

- aos professores e funcionários do CFCH;

Enfim, a todos aqueles que fazem parte da minha vida, seja direta ou indiretamente, cada um enriqueceu meu processo de aprendizado. Muito obrigado!

La trahison des images - Ceci n'est pas une Pipe, René Magritte, 1929

RESUMO

TEORIA E PRÁXIS ENQUANTO POSSIBILIDADES EXISTENCIAIS NO PENSAMENTO FENOMENOLÓGICO DE MARTIN HEIDEGGER

AUTOR: Marcílio de Barros Correia Filho
ORIENTADOR: Prof. Dr. Sandro Marcio Moura de Sena

Este trabalho apresenta um estudo sobre a fenomenologia heideggeriana concentrando-se na análise da existência humana, destacando a interdependência entre teoria e práxis. Ele faz uma distinção crucial entre ser e ente, argumentando que o ser é sempre ser de um ente, pertencendo ao campo ontológico, enquanto os entes pertencem ao campo ôntico. O ser-aí, ou Dasein, é o ente que conhece o ser conhecendo a si mesmo, descobrindo e dando sentido aos entes intramundanos através da ocupação. Isso forma a unidade ser-no-mundo, um modo de ser que nos convida a repensar nossa existência e relação com o mundo. A noção de transcendência em Heidegger surge como fundamental, referindo-se ao salto dos entes em direção ao ser, reconhecendo a temporalidade como condição essencial da existência humana. A práxis em Heidegger abrange todas as interações humanas com o mundo, revelando o ser-descobridor que dá sentido aos entes intramundanos. Em última análise, Heidegger nos desafia a repensar não apenas o que sabemos, mas como sabemos, reconhecendo a inseparabilidade entre teoria e prática na busca pelo entendimento mais profundo da condição humana.

Palavras-chave: Teoria. Práxis. Fenomenologia. Metafísica. Heidegger.

ABSTRACT

THEORY AND PRAXIS AS EXISTENTIAL POSSIBILITIES IN THE PHENOMENOLOGICAL THOUGHT OF MARTIN HEIDEGGER

AUTHOR: Marcílio de Barros Correia Filho
ADVISOR: Prof. Dr. Sandro Marcio Moura de Sena

This work presents a study on Heideggerian phenomenology focusing on the analysis of human existence, highlighting the interdependence between theory and praxis. He makes a crucial distinction between being and entity, arguing that being is always the being of a entity, belonging to the ontological field, while entity belong to the ontic field. *Being-there*, or *Dasein*, is the being that knows being by knowing itself, discovering and giving meaning to intra-worldly entities through occupation. This forms the unity of being-in-the-world, a way of being that invites us to rethink our existence and relationship with the world. The notion of transcendence in Heidegger appears as fundamental, referring to the *leap* of entities towards being, recognizing temporality as an essential condition of human existence. Praxis in Heidegger encompasses all human interactions with the world, revealing the discoverer-being that gives meaning to intra-worldly entities. Ultimately, Heidegger challenges us to rethink not just what we know, but how we know, recognizing the inseparability of theory and practice in the search for a deeper understanding of the human condition.

Keywords: Theory. Praxis. Fenomenology. Metaphysics. Heidegger.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 CONCEITO EXISTENCIAL DE MUNDO 15
3 CONCEITO EXISTENCIAL DE PRÁXIS 18
4 CONCEITO EXISTENCIAL DE TEORIA 21
5 CONCLUSÃO 26
REFERÊNCIAS 28

1 INTRODUÇÃO

A metafísica, o campo mais contencioso dentro da filosofia, serve simultaneamente como fundamento da investigação filosófica, buscando pelo elemento fundamental de toda a existência (*arkhé*), enquanto suporta esforços incansáveis para superar seus limites – há quem preconize nos libertarmos da metafísica, chegando a advogar a queima de seus livros[1]. No entanto, para navegar nos meandros da metafísica sem sucumbir a novas perplexidades, é crucial estabelecer clareza conceitual e etimológica para alcançar uma definição mais precisa. Conceitualmente, a metafísica pode ser compreendida como aquilo que ultrapassa o domínio da *natureza física* (*physis*), ou seja, qualquer coisa além do mundo físico pode ser considerada "*meta*"; daí o termo "metafísica". Este conceito pode ser rastreado até Aristóteles e sua obra "Metafísica" - onde o termo originou-se curiosamente por acaso quando um dos organizadores das obras aristotélicas, Andrônico de Rodes, deparou-se com um grupo de livros que não sabia como categorizar, colocando-os ao lado dos tratados sobre física, rotulando-os como "depois de física" (*tà metà tà physikà*). Consequentemente, o termo surge involuntariamente para descrever os assuntos abordados naqueles livros que tratavam de aspectos *além do mundo físico*; como política, ética, entre outros. Os estudos metafísicos no mundo antigo e medieval centraram-se principalmente nas *questões do ser*, embora com uma mudança de preocupações ontológicas[2] no período antigo para preocupações mais teológicas[3] no período medieval. Em contraste, a metafísica moderna alinha-se com o paradigma epistemológico ou, teoria do conhecimento. A principal preocupação dos pensadores modernos era a compreensão e o conhecimento do sujeito, isto é, embora o ser continue sendo um tema importante, o foco mudaria para a capacidade do sujeito adquirir conhecimento[4]. Já no período contemporâneo, observamos um afastamento significativo dos modos de pensamentos anteriores, empreendendo um exercício de diagnóstico para examinar as limitações do projeto moderno, fornecendo uma perspectiva crítica sobre seus fundamentos e suposições.

---

1 *"If we take in our hand any volume; of divinity or school metaphysics, for instance; let us ask, Does it contain any abstract reasoning concerning quantity or number? No. Does it contain any experimental reasoning concerning matter of fact and existence? No. Commit it then to the flames; for it can contain nothing but sophistry and illusion."* David Hume. *Essays and Treatises on several subjects*, Vol. 2, 1825, p. 167.

2 Ontologia: "[…] doutrina que estuda os caracteres fundamentais do ser: o que todo ser tem e não pode deixar de ter." Nicola Abbagnano. Dicionário de Filosofia, 2007, p. 662.

3 Teologia: "[…] consiste em reconhecer como objeto da Metafísica o ser mais elevado e perfeito, do qual provêm todos os outros seres e coisas do mundo." Nicola Abbagnano. Dicionário de Filosofia, 2007, p. 661.

4 "Segundo Kant, Metafísica é o estudo das formas ou princípios cognitivos que, por serem constituintes da razão humana – aliás de toda razão finita em geral –, condicionam todo saber e toda ciência." Nicola Abbagnano. Dicionário de Filosofia, 2007, p. 665.

É nesse cenário de comoção acerca da metafísica que, segundo o filósofo alemão Martin Heidegger, a questão principal da filosofia – o sentido do ser – fora mal entendida, ou mal interpretada, gerando um processo de esquecimento no decorrer da história[5]; e propõe retomar o foco da questão do *sentido do ser* (*Seinfrage*) reestabelecendo seu significado enquanto ontologia, empregando a abordagem investigativa da fenomenologia, herdada de seu professor Edmund Husserl. A fenomenologia introduz um método conhecido como fenomenológico, que diz respeito à "operação pela qual a existência efetiva do mundo exterior é 'colocada entre parênteses', para que a investigação se ocupe apenas com as operações realizadas pela consciência, sem perguntar se as coisas visadas por ela existem realmente ou não."[6], ao contrário das abordagens modernas de conhecimento, onde a ênfase encontra-se na relação sujeito-objeto. Segundo Urbano Zilles, para Husserl,

> a fenomenologia é uma descrição da estrutura específica do fenômeno (fluxo imanente de vivências que constitui a consciência) e, como estrutura da consciência enquanto consciência, ou seja, como condição de possibilidade do conhecimento, o é na medida em que ela, enquanto consciência transcendental, constitui as significações e na medida em que conhecer é pura e simplesmente apreender (no plano empírico) ou constituir (no plano transcendental) os significados naturais e espirituais. Para entender essas funções até sua dimensão de profundidade em sua abrangência, necessita-se do método da redução fenomenológica. […] A consciência é intencionalidade significa: dirige-se para, visa alguma coisa. Toda consciência é consciência de.[7]

Em vez de se fixar no objeto observado, a fenomenologia amplia o desdobramento da experiência real; e, ao prestar cuidadosa atenção à experiência, o sujeito se envolve com o fenômeno[8] – o termo do qual a fenomenologia deriva seu nome. Fenomenologia, portanto, é o estudo dos fenômenos realizada na observação da própria experiência. Assim, quando a fenomenologia se volta para a experiência perceptiva, envolve inerentemente a intencionalidade – atributo da consciência. Na fenomenologia, o conhecimento não é atribuído apenas ao objeto ou ao sujeito; em vez disso, reside na íntima relação entre os dois. Ou, segundo Emmanuel Lévinas,

> "Sabemos que Husserl vê na intencionalidade a própria essência da consciência. A novidade deste ponto de vista não consistiu simplesmente em afirmar que toda consciência é consciência de alguma coisa, mas que essa tensão em relação a qualquer outra coisa constituía toda a natureza da consciência; que não era

5 Cf. Heidegger, Ser e Tempo, 2020, p. 37 [2]
6 Zilles, 2007, p. 218. Grifos do autor.
7 Ibidem.
8 "na filosofia contemporânea, a partir das Investigações lógicas (1900-1901) de Husserl, Fenômeno começou a indicar não só o que aparece ou se manifesta ao homem em condições particulares, mas aquilo que aparece ou se manifesta em si mesmo, como é em si, na sua essência." Nicola Abbagnano. Dicionário de Filosofia, 2007, p. 437.

> preciso representar a consciência como qualquer coisa que *existia*, em primeiro lugar, e que em seguida se transcendia, mas que a consciência se transcendia pela sua existência".[9]

Essa compreensão única do fenômeno da consciência diverge da perspectiva focada no objeto dos empiristas e da visão orientada para o sujeito dos racionalistas.

Quando Heidegger investiga o conceito de existência a partir de uma perspectiva fenomenológica, enfatiza que a existência não é um fenômeno de consciência, sendo anterior a ela e anterior às suas possibilidades. A existência é determinada pela relação com o ser dos entes, não com objetos intencionais. Dessa forma, "Elaborar a questão do ser significa, portanto, tornar transparente um ente – que questiona – em seu ser. Como modo de *ser* de um ente, o questionar dessa questão se acha essencialmente determinado pelo que nela se questiona – pelo ser."[10] Assim, quando pensamos em "existência"[11], podemos entendê-la como um ente que se eleva sobre si mesmo: "O ente, em cujo ser, isto é, sendo, está em jogo o próprio ser, relaciona-se e comporta-se com o seu ser, como a sua possibilidade mais própria."[12] Ao colocar as questões sobre o ser, transcendemos e adentramos numa experiência filosófica. Aqui, a existência não é entendida em um sentido biológico, neurológico, cognitivo ou físico, mas sim em um sentido ontológico; pois "a referência existencial não é constituída por moléculas, não é criada por meio delas, mas não existe sem aquilo que pode ser reinterpretado como um acontecimento fisiológico-molecular. Se o fisiológico fosse o fundamento do humano deveria haver, por exemplo, 'moléculas de despedida'."[13]

Por conseguinte, Heidegger elabora uma analítica capaz de apreender a essência do *ser-aí*[14], iniciando a partir deste ente particular dotado da capacidade de questionar e compreender sua própria existência; que não se refere exclusivamente ao 'homem', mas a uma compreensão mais ampla[15]. Portanto, o estudo do ser do 'homem' torna-se fundamental para elucidar a natureza dos entes, pois a investigação do significado de ser pertence, em última análise, à maneira pela qual o 'homem' existe.

---

9 Lévinas, Emmanuel. Martin Heidegger e a ontologia. In: Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger. 1997 p. 77-78. Grifos do autor.

10 Heidegger, Ser e Tempo, 2020, p. 42 [7]. Grifos do autor.

11 Existência de ek-sistire, Cf. a Nota explicativa (N2) EXISTÊNCIA – EXISTENZ in: Ser e Tempo, 2020, p. 562. Segundo esta posição, apenas o homem existe: "O ente que é ao modo da existência é o homem. Somente o homem existe. O rochedo é, mas não existe. A árvore é, mas não existe. O anjo é, mas não existe. Deus é, mas não existe. […] Toda consciência pressupõe a existência pensada ekstaticamente como a *essentia* do homem, significando então *essentia* aquilo que é o modo próprio de o homem ser (*west*) na medida em que é homem." Heidegger, O que é metafísica? In: Os pensadores, 1973, p. 257.

12 Heidegger, Ser e Tempo, 2020, p. 86 [42].

13 Heidegger, Seminários de Zollikon, 2013, p. 238. Tradução nossa.

14 O termo *Dasein* fora traduzido por Márcia de Sá Cavalcante pela expressão *presença*. Cf. a justificação na nota explicativa "A perplexidade da presença", p. 15 da edição referida de Ser e Tempo. No entanto, para o corpo do nosso texto, optamos por manter o termo *Dasein*, traduzido como *ser-aí*. Cf. a justificativa de Marco Antonio Casanova na nota explicativa "Apresentação à tradução brasileira", p. XI da edição referida de Introdução à Filosofia.

15 O *ser-aí* não deve ser compreendido enquanto "homem" pois possui uma determinação ontológica. "Homem" corresponde ao ente que coloca a questão do ser, portanto, possui uma determinação ôntica.

A distinta abordagem de Heidegger para entender o *ser* vai além dos métodos convencionais empregados na filosofia tradicional. Em vez de confiar em conceitos abstratos ou medições científicas, ele busca compreender o *ser* a partir do *ente existente*, afastando-se das tradições filosóficas predominantes de seu tempo baseando sua investigação nas experiências concretas do *ente que habita o mundo*. Heidegger procurou apreender a essência do ser em seu contexto vivido; ou, em outras palavras, em *como os indivíduos experimentam sua existência e se envolvem com o mundo ao seu redor*.

Além dessa perspectiva existencial, o filósofo alemão desenvolve uma linguagem própria e estruturas conceituais únicas. Por meio dessa inovação linguística, pretende expressar as complexidades de suas intuições filosóficas com maior precisão e profundidade cunhando novos termos e ressignificando outros em voga para articular suas ideias, por vezes, valendo-se da língua alemã para evocar significados distintos, como veremos no decorrer deste artigo. Contudo, qual a distinção entre o *ser* e o *ente*? O filósofo contempla o ser, enquanto o cientista estuda o ente. O *ser-aí*, ao se envolver em uma relação reflexiva com sua própria existência, assume uma natureza ontológica e incorpora a existência em seu âmago; isto é, "*A compreensão de ser é em si mesma uma determinação de ser da presença* [*ser-aí*]. O privilégio ôntico que distingue a presença está em ela *ser* ontológica"[16]. Sendo assim, o presente artigo possui o objetivo de investigar as modalidades de comportamentos do *ser-aí*, compreendidos enquanto possibilidades existenciais – no ato de relacionar-se com o *ser* através do mundo: via *práxis* (desvelamento realizado na ação, sendo nossa relação primeira com o mundo) e via *teoria* (relação mais ontológica de apreensão da verdade dos entes) – segundo a fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger contida em sua vasta obra, em especial, Ser e Tempo. Para tanto, faz-se necessário (1) demarcar a diferença do tratamento fenomenológico-hermenêutico dos fenômenos "teoria" e "práxis" em contraposição ao seu tratamento filosófico-teórico tradicional, (2) explicitar a conexão entre *ocupação* do mundo e *conhecimento* do mundo em bases existenciais (3) compreendendo o tempo como "fundamento" último dos comportamentos práticos e teóricos; a serem desenvolvidos a seguir.

16 Heidegger, Ser e Tempo, 2020, p. 48 [12].

2 O CONCEITO EXISTENCIAL DE MUNDO

Como visto, Heidegger une esforços para retomar a questão sobre o *sentido de ser* que havia sido deturpada ao longo da história pelos estudiosos que confundiram-no com o *ente*. A partir do método fenomenológico, elabora uma analítica do *ser-aí* (*Daseinanalitik*), pois entende que o *ser* não se manifesta diretamente, mas como *ser de um ente*; em outras palavras, *o ente é um modo de ser e é determinado por este*. Assim, a partir da análise da existência deste *ente* singular – o *ser-aí* –, é possível ter acesso e extrair o *sentido de ser* pois "É próprio deste ente que seu ser se lhe abra e manifeste com e por meio de seu próprio ser, isto é, sendo"[17]. Existência, então, é *o modo de ser do ser-aí*. É toda amplitude de relações que se estabelece entre o *existente* e o *ser* e deste com todos os outros *entes*[18]. À luz disso, Heidegger denomina *existenciais* às características fundamentais do ser, presentes no *ser-aí*. Dessa forma, o *ser-aí* "é o único ente de cujo ser faz parte uma abertura originária ao modo de ser de todos os outros entes"[19] que se tornará mais clara mediante uma compreensão da estrutura *ser-no-mundo*, ou do "ser *para quem* existe um mundo"[20] pois, segundo Lévinas, "A análise do Mundo torna-se pois, a peça central da *Analítica do Dasein*, pois ela vai permitir-nos ligar a subjectividade à finitude, a teoria do conhecimento à ontologia, a verdade ao ser"[21].

Desde a filosofia antiga, o conceito de mundo ocupou um lugar central na compreensão da realidade a exemplo de Platão que diferenciou o mundo real do mundo ideal tendo este como o *locus* da verdade. Já as concepções de mundo na filosofia medieval estavam enraizadas em considerações entrelaçadas com noções de ordem divina. O período da Renascença, marcado pela curiosidade intelectual e um interesse renovado pela observação empírica, apresentou um desafio direto à cosmovisão clássica estabelecida. Nesse contexto, René Descartes propôs um afastamento vultoso da compreensão tradicional do mundo por meio do conceito da *substância extensa* (*res extensa*), apresentada em sua obra "Princípios da Filosofia", onde retrata o mundo como a substância material que constitui a natureza física, ou, uma extensão da materialidade regida por princípios matemáticos.

17 Heidegger, Ser e Tempo, 2020, p. 48 [12].
18 Ibidem.
19 BARBOSA, Márcio F. A Noção de Ser no Mundo em Heidegger e sua Aplicação na Psicopatologia. In: Psicologia Ciência e Profissão, v. 18, n. 3, p. 4, [S.l.], 1998.
20 Ibidem. Grifos do autor.
21 Lévinas, 1997 p. 79. Grifos do autor.

Todavia, para Heidegger, Descartes comete os mesmos equívocos do passado ao confundir o *ente* com o *ser* quando usa da substância para descrever o mundo (*extensio*)[22]: "O ente que, em princípio, Descartes tenta apreender de maneira ontológica com a *extensio* é um ente que só pode ser descoberto mediante a passagem por um *ente intramundano* imediatamente à mão."[23] Dessa forma,

> "o ser-aí é o ente cujo modo de ser é a existência. Existir significa habitar um âmbito no qual os entes se tornam acessíveis segundo um determinado modo de ser. Essa região na qual o ser-aí é projetado, tendo acesso aos entes em seu ser, é denominada mundo. […] O ser-aí não está no mundo como um subsistente que se encontra dentro de outro, como a água está no copo. Mundo não é um lugar no qual as coisas se encontram, mas antes uma totalidade de significação da qual elas adquirem sentido. Mundo é a abertura que doa possibilidades de ser. Como projeto de mundo, o ser-aí não é substância ou sujeito a quem possam ser atribuídas propriedades que o definam, e sim um poder-ser que nunca se completa."[24]

Em outras palavras, *mundo diz respeito ao modo de ser do ser-aí*. O modo de ser do ente pertencente ao mundo, ou melhor dizendo, do *ente simplesmente dado* no mundo, é o *intramundano* onde a *manualidade* (Zuhandenheit) desempenha um papel fundamental. Dito de outra forma, o *ser-aí* é o desvelador do *ente intramundano*; evidenciando uma estrutura existencial em que o *ser-aí*, reciprocamente, já traz consigo o desvelamento do mundo, pois "assumir relações com o mundo só é possível *porque* a presença [*ser-aí*], sendo-no-mundo, é como é."[25] Ou melhor,

> "O homem não 'é', primeiramente, para depois criar relações com um mundo, ele é homem na exata medida de seu ser-em, isto é, na exata medida em que possui um mundo ou abre o sentido de um mundo. Não existe anterioridade entre esses dois movimentos."[26]

À vista disso, é fundamental observar que mundo refere-se ao contexto "em que" o *ser-aí* "vive" e não ao modo do *ente* que o *ser-aí*, em sua essência, *não é*, mas que pode *vir ao encontro*[27] no *mundo circundante*[28] (Umwelt). Consequentemente, devemos

22 "Porque 'ser' de fato não é acessível *como os entes*, ele passa a ser expresso por determinações ônticas dos entes em questão, isto é, pelos atributos." Heidegger, Ser e Tempo, 2020, p. 146 [94]. Grifos do autor.
23 Heidegger, Ser e Tempo, 2020, p. 147 [95].
24 FERREIRA, Alexandre. Heidegger: ser, tempo e finitude. In: Revista Cult, ed. 153, 2010.
25 Heidegger, Ser e Tempo, 2020, p. 104 [57]. Grifos do autor.
26 BARBOSA, 1998, p. 4.
27 Heidegger, Ser e Tempo, 2020, p. 112 [65].
28 Como propõe Heidegger, faz-se necessário distinguir os diversos usos da palavra "mundo". Por este motivo, em Ser e Tempo, Heidegger dedica o §14 para os devidos esclarecimentos. Nos atentaremos às definições 3 e 4 para o propósito de nossa investigação, a saber, mundo em sentido "pré-ontologicamente existenciário", como exposto; e mundano enquanto "modo de ser da presença". Isto posto, Mundo circundante é "o mundo mais próximo [doméstico e próprio] da presença cotidiana". Cf. Ser e Tempo, 2020, §14, p. 110-114 [63-67]. Grifos nosso.

compreender *ser-aí* e mundo como um fenômeno de unidade, ou *ser-no-mundo*[29] (*in-der-Welt-sein*).

29 Heidegger introduz ser-no-mundo como ser-em (In-sein) para desconstruir o sentido do “em” em sentido físico-espacial utilizando-se do termo em alemão innan- (morar, habitar...). “O ser-em é, pois, a expressão formal e existencial do ser do ser-aí que possui a constituição essencial de ser-no-mundo.” Cf. Heidegger, Ser e Tempo, 2020, p. 100 [54].

3 O CONCEITO EXISTENCIAL DE PRÁXIS

A apreensão do *ser-aí*, segundo o pensamento de Heidegger, se desvela nos *modos mais corriqueiros de interação com o entorno circundante*. Conforme o filósofo alemão, a existência do *ser-aí* implica em existir, compreendendo, desde o início, o "em função de si mesmo" que constitui sua existência. Como veremos a seguir, Heidegger explora a relação entre o *ser-aí*, os *utensílios* e o mundo, destacando que a compreensão dos *utensílios* só ocorre em relação à estrutura do próprio *ser-aí*; a exemplo do martelo que ilustra como a significação do *utensílio* emerge no ato de martelar, desvelando uma conjuntura. A relevância da ocupação na relação primária com o mundo, indica uma superação da visão sujeito-objeto da filosofia moderna, introduzindo a transcendência como um "salto" para além dos entes em direção ao ser. Dessa forma, a práxis é entendida como uma atitude desveladora realizada na ação, cuja finalidade é em virtude de si mesma. Essa compreensão heideggeriana, ao perscrutar os elementos cotidianos da existência, sugere uma abordagem filosófica que vai além das dicotomias tradicionais. Neste capítulo, veremos como o entendimento do *ser-aí* como entrelaçado com o mundo por meio da ocupação transcende a abordagem dualista sujeito-objeto, oferecendo uma perspectiva mais rica e integrada da existência humana. Essa abordagem que valoriza a relação ativa com o mundo, estabelece as bases para uma compreensão mais profunda das dinâmicas ontológicas e nos convida a refletir sobre a natureza essencial do ser do ente humano.

Para Heidegger, os modos mais "próximos", ou os mais "cotidianos" que o ser dos entes *vem ao encontro* no *mundo circundante* são os da *manualidade* e do *ser simplesmente dado*. Essas estruturas mostram como o *ser-aí* sempre já se relaciona, se comporta ou se ocupa com os *entes* numa dinâmica pré-reflexiva, pois

> "A existência do *Dasein* consiste em existir com vista a si mesmo. Isso quer dizer também que o *Dasein* compreende a sua existência. O *Dasein* compreende, pois, desde já, esse «com vista a si mesmo» que constitui a sua existência. É essa relação a esse «com vista a» inicial que o «com vista a» dos utensílios, a sua maneabilidade, pode surgir ao *Dasein*. O mundo não é mais do que esse «com vista a si mesmo» em que o *Dasein* está integrado na sua existência e em relação ao qual se pode encontrar manejável."[30]

30 Lévinas, 1997 p. 83. Grifos do autor.

Dessa maneira, “Rigorosamente, *um* instrumento nunca ‘é’”[31] pois “Em sua essência, todo instrumento é ‘algo para [...]’”[32]. Ao *utensílio* pertence a estrutura da *manualidade* essencialmente constituída pela *referência*[33] (*Verweisung*). Por este motivo, o *utensílio* não se revela primeiro por si, mas por uma rede de *referências* “que só pode terminar com um «aquilo com vista ao que» que não tem em vista outra coisa, mas com vista a si mesmo”[34] – o *ser-aí*. É assim que “a compreensão do *utensílio* só se faz em relação a uma compreensão inicial da estrutura do Dasein que, graças à «referência a si mesmo» que lhe é própria, permite compreender nos próprios *utensílios* a sua maneabilidade”[35], o seu *para quê*[36] (*wozu*). Quer dizer, a *obra* faz referência ao *utensílio*; que faz referência à *coisa*; que referencia o *mundo* e, por fim, ao *ser-aí*, que referencia a *si mesmo*. É o martelar que desvela o “uso” específico do martelo, e não o contrário. O *manuseio* de uma pedra *para* martelar, faz desvelar o martelo. No ato de martelar, abre-se *conjuntura*[37] (B*ewandtnis*). O que leva Heidegger a argumentar que

> “Por maior que seja o grau em que se *visualize* precisamente a ‘configuração’ das coisas na qual elas aparecem desta ou daquela maneira, nunca se conseguirá descobrir o que é o manual. A visualização puramente ‘teórica’ das coisas carece de uma compreensão da manualidade.”[38]

Com isso, à pré-compreensão do *todo utensiliar*, isto é, à rede de referências do modo de lidar com os *utensílios*, é chamado por Heidegger de *circunvisão* (*Umsicht*).

Para visualizarmos o que foi exposto até agora, tomemos como exemplo o martelo que ganha o seu “ser martelo” com o ato de martelar – o martelo se descobre como tal a partir do manuseio. Junto a esta significação do *utensílio* martelo, encontramos imediatamente o prego e a madeira que fazem referência ao mundo da marcenaria, a saber, o *todo utensiliar*, como: a madeira precisa ser serrada, pregada, estofada e envernizada para surgir a *obra* cadeira que é *para alguém*. Essa totalidade é uma condição ontológica pois “O *Dasein* descobre esta estrutura por meio da sua própria existência”[39], mostrando que o desvelamento do mundo das *coisas* e dos *utensílios* condicionam-se à existência do *ser-aí* e o são em decorrência deste. A nossa relação

31 Heidegger, Ser e Tempo, 2020, p. 116 [68]. Grifos do autor.
32 Ibidem.
33 “Designa as diferenças das relações que compõem as ordens de remissões do conjunto instrumental.” Cf. a Nota explicativa (N26) REFERÊNCIA – VERWEISUNG in: Ser e Tempo, 2020, p. 568.
34 Lévinas, 1997 p. 82. Grifos do autor.
35 Ibidem.
36 Cf. a Nota explicativa (N28) PARA QUÊ – WOZU in: Ser e Tempo, 2020, p. 568.
37 “Ser e tempo reserva esse substantivo para caracterizar o processo ontológico de possibilitação da integração dos diversos modos de ser no mundo.” Cf. a Nota explicativa (N29) CONJUNTURA – BEWANDTNIS in: Ser e Tempo, 2020, p. 569.
38 Heidegger, Ser e Tempo, 2020, p. 117 [69]. Grifos do autor.
39 Lévinas, 1997 p. 83.

primeira com o mundo dá-se por nenhuma forma de conhecimento, pois, no "conhecimento, algo é posto como tema, e a 'coisa' [objeto] é uma entidade tematizada. Já os utensílios são para nós antes de qualquer visão temática, antes de refletirmos sobre eles, antes de os objetivarmos"[40]. Nossa relação primeira com o mundo dá-se, portanto, pelo *manuseio*, pelo *uso*, pela *relação com os entes que vem ao encontro dentro do mundo*, ou seja, "ter o que fazer com alguma coisa, produzir alguma coisa, tratar e cuidar de alguma coisa […], impor, pesquisar, interrogar, considerar, discutir, determinar…."[41] Essa multiplicidade de modos de *ser-no-mundo* possuem o modo de ser da *ocupação*[42] (*Besorgen*) que inclui a desocupação e o "não fazer nada" no sentido existencial do *ocupar-se*. Sendo assim, "A ocupação é, portanto, atemática. Não precisamos 'ter consciência' de alguma coisa para dela nos ocuparmos; antes, só podemos ter consciência de alguma coisa a partir de um universo de ocupações."[43]

O ato de "sair de si" em direção ao objeto – aquela relação sujeito-objeto que a filosofia moderna vislumbrara – em Heidegger, dá-se por um "salto" para além dos *entes* em direção ao *ser*. "É a esse salto para lá do ente em direcção ao ser – e que é a própria ontologia, a compreensão do ser – que Heidegger atribui a palavra transcendência."[44] Ser-no-mundo é transcender-se. Assim, em Heidegger, *práxis* se apresenta como a atitude desveladora realizada na ação cuja finalidade é *em virtude de* si mesmo (*Worumwillen*).

40 BARBOSA, 1998, p. 5. Grifos nossos.
41 Heidegger, Ser e Tempo, 2020, p. 103 [56].
42 Cf. a Nota explicativa (N12) OCUPAÇÃO – BESORGEN in: Ser e Tempo, 2020, p. 564.
43 BARBOSA, 1998, p. 5. Grifos do autor.
44 Lévinas, 1997 p. 84.

4 O CONCEITO EXISTENCIAL DE TEORIA

Historicamente, diversos filósofos e pensadores têm abordado a relação entre teoria e práxis de maneiras distintas. Alguns, como os filósofos gregos antigos Platão e Aristóteles, viam a filosofia como a forma mais elevada de práxis, enfatizando a importância da contemplação teórica na busca da sabedoria. No entanto, correntes filosóficas contemporâneas, como a fenomenologia hermenêutica alemã, a filosofia da linguagem e o pragmatismo, propõem uma compreensão mais integrada, argumentando que o próprio ato de teorizar é uma forma de práxis, onde o pensamento e a ação estão interconectados.

No entanto, torna-se evidente que a simples privação da práxis não é suficiente para delimitar existencialmente a estrutura do comportamento teórico. Heidegger nos alerta para a limitação desse enfoque ao afirmar que

> "Abster-se do uso instrumental significa tão pouco 'teoria' que, na 'observação' demorada, a circunvisão permanece inteiramente atada ao instrumento ocupado e à mão. […] E assim como a prática tem sua visão específica ('teoria'), também a pesquisa teórica não se dá sem a sua própria práxis."[45]

Mesmo quando nos abstemos de produzir e manipular os *utensílios*, nossa circunvisão continua enredada ao *utensílio* de ocupação e ao manuseio. Ou seja, a mera abstenção da práxis não leva automaticamente ao conhecimento teórico. A descoberta do ente como objeto simplesmente dado para o conhecimento teórico não ocorre através da renúncia ao manuseio ou da desconsideração do caráter *utensiliar* desse ente. Ela emerge de uma nova consideração, ou melhor, uma transformação na forma como percebemos o *ente intramundano*. A compreensão do ente se metamorfoseia nesse processo.

Dado que tanto a ocupação prática orientada pela circunvisão quanto a descoberta teórica do ente simplesmente dado no mundo são modos possíveis de existência de um ente cujo ser está imerso na temporalidade, torna-se imperativo investigar os fundamentos ontológico-temporais que subjazem a transformação da posição prática em posição teórica perante o mundo. "Como a temporalidade influencia nossa transição da ação prática para a percepção teórica?" ou "Como a experiência temporal molda nossa compreensão do ente e sua presença no mundo?" são questões que nos conduzirão a uma exploração mais profunda do arcabouço filosófico de Heidegger e arraigar nossa

45 HEIDEGGER, Ser e Tempo, 2020, p. 446 [358].

compreensão da existência humana, desvendando as dimensões temporais que sustentam nosso envolvimento com o mundo. Portanto, a teoria, assim como a práxis, deve ser investigada enquanto modo de ser-no-mundo.

A análise fenomenológica do ser dos entes, conforme proposta por Heidegger, oferece uma visão penetrante da estrutura do ser-no-mundo cotidiano, revelando a essência do mundo circundante. Essa compreensão se justifica pelo fato de que os entes que vem ao encontro no mundo circundante têm seu ser fundamentado na estrutura do ser-no-mundo cotidiano. Em outras palavras, é por meio do modo de lidar, ou seja, do ser-no-mundo cotidiano, que o ser dos entes se manifesta no mundo circundante. Heidegger identifica a ocupação como o modo fundamental de projeção do ser-no-mundo. Dessa forma, estamos constantemente imersos em uma ocupação, através da qual interagimos com o mundo. Essa ocupação não apenas determina nossa compreensão do mundo, mas também dá sentido às nossas interações com os entes que encontramos. Por exemplo, compreendemos imediatamente a natureza de um *utensílio* pelo uso que dela fazemos, prescindindo assim de uma análise teórica.

A compreensão do ser dos entes na ocupação é possibilitada pelo fato de que, na ocupação, as suas possibilidades de ser são atualizadas. Heidegger exemplifica esse conceito, como visto anteriormente, com a figura do martelo, cujo “ser martelo” se revela no ato de martelar. Esses entes, com os quais nos ocupamos, são chamados por Heidegger de *utensílios* (*zeug*), e seu ser é determinado pela relação que estabelecemos com eles. No entanto, é importante ressaltar que a dinâmica de determinação do ser dos entes na ocupação não é conscientemente guiado pelo *ser-aí*. Ao contrário, é pelo próprio ato do uso que o ser dos *utensílios* se manifesta. Heidegger descreve essa dinâmica como pré-reflexiva, anterior a qualquer teorização ou reflexão consciente. Ao abandonar a concepção tradicional de mundo como substância separada do homem, Heidegger propõe uma visão dinâmica do mundo como fenômeno que se atualiza nas relações estabelecidas junto-ao *ser-aí*. Dispensando, dessa forma, a necessidade de um suporte metafísico que regule tal relação, destacando a importância da interação e co-pertencimento entre o homem e mundo.

Tomando emprestado do poema de Parmênides para ressignificar o sentido de verdade, visto que a tradição filosófica confundira o sentido da palavra ἀλήθεια, Heidegger propõe uma análise de quem está no caminho indicado pela deusa, que é suas possibilidades. Nessa perspectiva, os dois caminhos propostos pela deusa de Parmênides devem ser interpretados como o caminho do encobrimento e o caminho do

descobrimento. Se "[…] ἀλήθεια,[…] indica 'as coisas elas mesmas', o que se mostra, o ente na modalidade de sua descoberta"[46], é o *ser-aí* – ser-no-mundo – enquanto ser-descobridor, que "arranca" o ente do seu velamento; o retira do encobrimento[47]. Assim, a essência da verdade enquanto des-cobrimento (α-λήθεια)[48], possibilita os meios para a linguagem guiar a questão do ser por intermédio de sua condição de ser-descobridor pois pertence ao λόγος o desencobrimento – λόγος enquanto linguagem e não como lógica.

Segundo Heidegger, "Sendo essencialmente a sua abertura, abrindo e descobrindo o que se abre, a presença é essencialmente 'verdadeira'. A presença é e está 'na verdade'"[49] da mesma forma que "é e está na não-verdade"[50] pois na mesma medida em que se abre do ponto de vista ontológico-existencial, também se fecha. Ora, do "ponto de vista" ontológico-existencial, experimentar o ser como *simplesmente dado (Vorhandenheit*), e eleger a *visão* como o modo de acesso ao que assim é experimentado, tem sua origem no *ser-no-mundo* e nos modos de sua *temporalidade*. Dito de outra forma: num determinado projeto da compreensão pré-ontológica fundado na temporalidade *ekstática*, o *ser-aí deixa-ser* (compreende e interpreta) o ente *como* ente. É uma possibilidade do ente que é no modo de *ser-no-mundo deixar-ser* o ente ser um utensílio *como utensílio*, atualizando-o numa *ocupação*. É uma possibilidade do ente que é no modo de *ser-no-mundo deixar-ser* o ente *ser* simples presença *como* simples presença, atualizando-o numa *visualização teórica*. Dessa forma,

> "Tanto o 'ver' quanto o conceito de visão não se restringem à percepção propiciada pelos 'olhos do corpo'. Em sentido amplo, a percepção deixa vir ao encontro 'corporalmente' em si mesmos o manual e o ser simplesmente presente, no tocante à sua configuração. Esse deixar vir ao encontro funda-se numa atualidade. A atualidade fornece o horizonte ekstático no qual o ente pode ser corporalmente *vigente*".[51]

Assim, na *ekstase* temporal da atualidade, que o *ser-aí deixa-ser* o ente *como* aquilo que deve vir ao encontro como vigente, como o que se mantém constante 'no tempo', como *simplesmente dado*. Apenas o ente dessa maneira liberado pode ser "objeto" de uma investigação teórica que haverá de satisfazer sua busca "atribuindo" os predicados mais universais ao ente retido nessa qualidade. É por isso que a "pura" teoria encontra sua origem na *temporalidade* do *ser-junto-ao ente intramundano* enquanto

46 HEIDEGGER, Ser e Tempo, 2020, p. 290 [219]. Grifos do autor.
47 Ibidem. p. 293 [222].
48 Cf. explicação de Heidegger de α- como expressão privativa. In: Ser e Tempo, 2020, p. 293 [222].
49 HEIDEGGER, Ser e Tempo, 2020, p. 291 [221].
50 Ibidem, p. 293 [222].
51 Ibidem, p. 433 [346]. Grifos do autor.

ocupação com utensílios de uso: “na práxis”. Que modificações são necessárias, no interior da unidade temporal pertencente à *ocupação* guiada pela circunvisão, para que seja permitida uma “transformação” desta última em descoberta teórica da *simples presença* que vem ao encontro dentro do mundo?[52]

A abstenção da “práxis” não é suficiente para que o ente seja liberado no modo do *ser simplesmente dado*. Caso assim fosse, estaríamos considerando que o *ser simplesmente dado jaz-no-fundo* (*ὑποκείμενον*) da utensialiaridade do utensílio, como se o *ser-aí* lhe impusesse desde “fora” uma manualidade, re-velando a nudez do *ser simplesmente dado* de “sentido”. Isto, no entanto, é um equívoco. “Atrás” de um fenômeno fenomenológico não se esconde absolutamente nada[53]. O que se dá, não de vez em quando, mas na maioria das vezes, é que o fenômeno tende a se mostrar como aquilo que ele mesmo não é; o fenômeno (aparecimento) se torna mera aparência. O manual conserva a sua primazia ontológica, mesmo ali, onde a consideração puramente teórica do *ser simplesmente dado* já não pode nem deve mais manusear. Logo, a descoberta do que *está-aí-diante*, de um *isto-aí* [το δε τι],

> “[…] não se deve nem a um afastamento do manuseio e nem a uma mera *des*consideração do caráter instrumental deste ente, mas sim a uma “nova” *re*consideração do manual que vem ao encontro como algo simplesmente dado. A *compreensão de ser*, que orienta o modo de lidar na ocupação com o ente intramundano, *transformou-se*”.[54]

Esta transformação da compreensão do ser, isto é, do projeto para uma possibilidade que o *ser-aí* mesmo é, se dá da seguinte forma: ‘aquilo’ com que ‘antes’ se lidava na circunvisão ocupacional determinada pelo *como*-hermenêutico da interpretação, que no projeto compreensivo do *para-quê* primordial retorna ao *ente intramundano* de modo a liberá-lo como tal ou qual utensílio (seu *ser-para-isso*), torna-se ‘agora aquilo’ “sobre” o que a proposição demonstra. O *como*-apofântico da proposição, que visa demonstrar o ente segundo a estrutura característica de *algo como algo*, segundo predicações, tem sua origem no *como*-hermenêutico da interpretação que articula uma compreensão que primariamente se projeta para um *poder-ser* “prático” *junto-ao* ente. O *ser-junto-ao* ente teórico, que apreende o que vem ao encontro de maneira temática e explícita, tem a característica de encobrir o modo de ser do que é primariamente

52 Esta transformação é descrita na edição referida de *Ser e Tempo*, § 69, item b: “O sentido em que a ocupação, guiada pela circunvisão, se modifica em descoberta teórica do que é simples presença dentro do mundo”, no sentido de delimitar os fundamentos ontológicos existências da ciência, em especial da física. Isso não nos impede de buscarmos, aqui, a gênese existencial temporal do comportamento metafísico, pois os entes, ainda que não necessariamente experimentados como objetos para um sujeito, vêm ao encontro do *ser-aí* segundo um *ser-junto-a*, enquanto presença consistente.

53 HEIDEGGER, Ser e Tempo, 2020, p. 75 [37].

54 Ibidem, p. 450 [361]. Grifos do autor.

intramundano — o utensílio de uso — e desse modo abrir pela primeira vez o acesso às propriedades (*κατεγορίαι*) simplesmente presentes de um ente simplesmente dado. *Atendendo* somente ao que é passível deste modo de descoberta, a atualidade da simples presença difere da atualidade da circunvisão, consistindo aquela, segundo Heidegger, em uma "*atualização privilegiada*".[55] A *utensiliariedade* (*Zuhandenheit*) e o ser simplesmente dado (*Vorhandenheit*), são duas possibilidades de descoberta, ambas regidas pela perspectiva – sentido – projetada pela compreensão de ser do *ser-aí*.

Dessa forma, ratifica-se a tese de que os traços essenciais do comportamento teórico estão "fundados" na estrutura ontológica-temporal do *ser-aí*. Entre os gregos, o conceito metafísico de "ciência" (*ἐπιστήμη*) é, segundo Heidegger, "[…] colocar-se diante de alguma coisa, ali permanecer e deparar-se, a fim de que ela se mostre em sua visão. *ἐπίστασις* significa também permanecer diante de algo, dar atenção a alguma coisa".[56] Este *permanecer diante*, característico da *episthéme* grega, é o *demorar-se junto a*, próprio do projeto da compreensão que atualiza o utensílio de tal maneira que este se entranha em sua manualidade, e assim pode mostrar-se numa pura configuração, no modo do *ser simplesmente dado*. Esta "pura configuração", provinda da desconsideração e consequente encobrimento da *utensiliariedade* do que primariamente vem ao encontro dentro do mundo é o *ειδος*, o aspecto, o "rosto" do ente que o torna reconhecível como este ente *que aí permanece*, (isto, *το δὲ τί*) e não outro; reconhecível pela visão que se *demora junto*. O ver que *se demora junto ao* ente para sua apreensão (*θέα*, a mirada: *teoria*) provém da circunvisão ocupacional, que antes completamente diretamente dirigida ao "ter o que fazer" pré-reflexivo, se modifica numa visão (*intuitus*) que determina o *ser simplesmente dado* que simplesmente *aparece*. A determinação explícita disto que *simplesmente se vê*, é conduzida pelo *λόγος* enquanto "enunciar algo sobre algo", ou, "mostrar e fazer *ver* algo como algo". Esta determinação categórica de *algo como algo*, o *logos apofântico*, é uma modificação da originária estrutura *como* da compreensão que se articula numa interpretação e *deixa-ser* o ente como *utensílio* disponível em seu *ser-para* na *ocupação* guiada pela circunvisão: o *logos hermenêutico*.

55 HEIDEGGER, Ser e Tempo, 2020, p. 452 [363].
56 HEIDEGGER, Heráclito – A Doutrina Heraclítica do Logos, 1998, p. 204.

5 CONCLUSÃO

A metafísica, considerada a essência da filosofia, desempenha um papel fundamental na evolução do pensamento humano, proporcionando uma ruptura com as concepções míticas e uma busca pela compreensão mais profunda da realidade. Assim como na ciência, a filosofia também enfrenta períodos de crise, nos quais pensadores são instigados a reexaminar questões fundamentais. Essas crises podem surgir de diversas fontes, como o questionamento das tradições estabelecidas, a imposição de dogmas religiosos ou os avanços científicos que desafiam concepções anteriormente aceitas. Martin Heidegger emerge como um desses pensadores que, ao longo da história da filosofia, contribui para a superação dessas crises e para o avanço do pensamento metafísico.

Ao explorarmos as profundezas da filosofia de Heidegger e sua análise da relação entre teoria e práxis, somos confrontados aos conceitos que moldam não apenas nosso entendimento da existência humana, mas também à própria tradição filosófica ocidental. Heidegger, influenciado por pensadores como Aristóteles, Kant e Husserl, construiu uma visão que desafia as noções convencionais de metafísica e ontologia. A metafísica, como Heidegger a concebe, não é apenas uma investigação abstrata do ser, mas um empreendimento essencialmente humano, enraizado na experiência cotidiana e na busca por significado. Sua abordagem fenomenológico-hermenêutica-existencial representa um marco significativo na evolução da filosofia, oferecendo novas perspectivas sobre questões ontológicas e epistemológicas. Assim, a metafísica é concebida não como uma doutrina estática, mas como um campo em constante evolução e reconstrução, dependente da contínua reflexão e inovação por parte dos pensadores que se dedicam a desafiá-la e reinterpretá-la. Nesse sentido, a filosofia heideggeriana se distancia das abstrações acadêmicas para se lançar em uma análise profunda da existência concreta, revelando assim a interdependência entre teoria e práxis.

Uma das contribuições mais marcantes de Heidegger é sua distinção entre ser e ente, uma distinção que ecoa através das eras filosóficas, desde os pré-socráticos até os contemporâneos. Heidegger propõe que é preciso cessar a confusão que se deu entre o ser e o ente e resgata a metafísica do obscurantismo. Por essa abordagem, o ser é sempre ser de um ente; ou seja, ser pertence ao campo ontológico, enquanto os entes, ao campo ôntico e retoma as discussões metafísicas – o sentido de ser – entendido como

ontologia através da fenomenologia, por meio de uma analítica do indivíduo que tem a capacidade de conhecer o ser, sendo, assim, em si mesmo: o ser-aí.

O ser-aí é o ente que conhece o ser conhecendo a si mesmo; proporcionando um movimento em direção aos entes que ele mesmo não é. Em seu modo próprio de interagir com o mundo ao seu redor, o ser-aí descobre os entes já presentes e dá sentido aos *entes intramundanos* pela *ocupação*. Dessa forma, ser-aí e mundo formam um fenômeno de unidade ser-no-mundo por representar um modo de ser. Ao destacar a importância ontológica do *ser-aí* (*Dasein*), Heidegger nos convida a repensar não apenas o que é, mas também como somos e como nos relacionamos com o mundo circundante.

A noção de transcendência em Heidegger, embora enraizada em sua hermenêutica existencial, ressoa com as ideias de outros filósofos, como Sartre e Merleau-Ponty, que também exploraram o papel fundamental da consciência na construção do mundo. Heidegger chama de transcendental ao salto “para lá” dos entes em direção ao ser, que, através de uma rede de referências (em-função-de) perpassa os entes e chega ao ente que é em-função-de si-mesmo. Portanto, ser-no-mundo é transcender-se. Assim, transcender não é apenas alcançar um estado superior de consciência, mas sim reconhecer a própria finitude e contingência como condições essenciais da existência humana. Ao transcender-se, o *ser-aí* auto-valida a verdade de sua própria existência, ou seja, possui a verdade em seu âmago. Dessa forma, ser-no-mundo, está na verdade; compreende seu próprio ser; percebe-se no mundo estando lançado; e, desde já, sendo suas possibilidades. Além disso, a práxis em Heidegger não se limita à simples atividade física ou mental, mas abrange toda a gama de interações humanas com o mundo. É através da *ocupação* com os *utensílios*, da circunvisão do mundo e da busca pela verdade (*ἀλήθεια*) que o *ser-aí* se revela e dá sentido aos *entes intramundanos*. Temos, portanto, que o *ser-aí* é o ente que desvela os *entes intramundanos*, guiado pela circunvisão, através da *ocupação* com os *utensílios*, caracterizando a práxis; enquanto possui uma atitude teórica que se origina na circunvisão ocupacional, mas que, guiado pelo *λόγος*, *deixa-ser* o ente em sua *utensiliariedade*, abrindo e acessando a verdade do ente, concedendo-lhe sentido e propriedade.

Em última análise, a filosofia de Heidegger nos desafia a repensar não apenas o que sabemos, mas como sabemos, e a reconhecer a inseparabilidade entre teoria e práxis na busca pelo entendimento mais profundo da condição humana. Suas ideias continuam a inspirar e provocar pensadores em todo o mundo, alimentando um diálogo filosófico que transcende fronteiras e épocas.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARBOSA, Márcio F. **A noção de ser no mundo em Heidegger e sua aplicação na psicopatologia**. Revista Psicologia Ciência e Profissão. 18 (3), p. 2 – 13, 1998.

CASANOVA, Marco. **Mundo e historicidade**: leituras fenomenológicas de Ser e Tempo. 1. ed. Vol. 1-3. Rio de Janeiro: Via Verita, 2023.

FERREIRA, Alexandre. **Heidegger**: ser, tempo e finitude. In: Revista Cult, ed. 153, 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/heidegger-ser-tempo-e-finitude/>. Acesso em 10 jan. 2023.

FILHO, Lauro. **Heidegger e Aristóteles**: entre theoria e praxis. In.: Revista Kínesis, Vol. V, n. 9, p. 70-86, jul. 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Conceitos fundamentais da metafísica**: mundo, finitude, solidão. Trad.: Marco Antônio Casanova. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

_____. **Conferências e Escritos Filosóficos** In: Os Pensadores. Trad., Introdução e Notas: Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

_____. **Introdução à filosofia**. Trad.: Marco Antonio Casanova. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **Heráclito** – “A Origem do Pensamento Ocidental”; “A Doutrina Heraclítica do Logos”. Trad.: Márcia de Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumara. 1998.

_____. **Seminários de Zollikon**. Trad.: Ángel Xolocotzi Yáñez. Mexico, D.F.: Herder, 2013.

_____. **Ser e Tempo**. Trad.: Márcia de Sá Cavalcante Schuback. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2020.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Trad. Marcio Suzuki. 7 ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

_____. **Investigações lógicas** In: Os Pensadores. Trad. Zeljko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

LÉVINAS, Emmanuel. **Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger**. Trad. Fernanda Oliveira. 1 ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

ZILLES, Urbano. **Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl**. Revista da Abordagem Gestáltica – XIII(2): 216-221, jul-dez, 2007.